

# O espaço ibero-americano de ciências da comunicação e as epistemologias do Sul

## *The Ibero-American space of communication sciences and the epistemologies of the South*

PAULO SERRA<sup>a</sup>

Universidade da Beira Interior. Covilhã – Portugal

### RESUMO

O tema deste artigo é a relação entre o espaço ibero-americano de ciências da comunicação e as epistemologias do Sul, levantando a questão de saber se a investigação nesse espaço tende a se aproximar do Sul epistemológico. Para responder à questão, faz-se, em primeiro lugar, a contextualização histórica e conceitual das epistemologias do Sul, apresentando, depois, os principais resultados de um estudo empírico de caráter exploratório, baseado numa análise bibliométrica e textual de uma amostra significativa de revistas. Conclui-se que a investigação em ciências da comunicação no espaço ibero-americano se aproxima, em vários aspetos, da concepção de uma ciência pós-abissal proposta pelas epistemologias do Sul.

**Palavras-chave:** Ciências da comunicação, espaço ibero-americano, epistemologias do Sul, revistas

### ABSTRACT

This article addresses the relationship between the Ibero-American space of communication sciences and epistemologies of the South, raising the question of whether research in this space tends to approach the epistemological South. To answer the question, firstly, the historical and conceptual context of the epistemologies of the South is outlined, and then the main results of an empirical study of an exploratory nature are presented, based on a bibliometric and textual analysis of a significant sample of journals. The main conclusion is that research in communication sciences in the Ibero-American space approaches, in several aspects, the conception of a post-abysal science proposed by the epistemologies of the South.

**Keywords:** Communication sciences, Ibero-American space, epistemologies of the South, journals

<sup>a</sup>Doutor em Ciências da Comunicação e professor e investigador na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior e na sua Unidade de I&D LabCom – Comunicação Artes.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7821-3880>.  
E-mail: [pserra@ubi.pt](mailto:pserra@ubi.pt)



NUM MOVIMENTO QUE pode ser visto como uma radicalização das posições de epistemólogos como Thomas Kuhn, Imre Lakatos ou Paul Feyerabend, Boaventura de Sousa Santos (a seguir, BSS) desenvolveu, a partir de 1995, a sua tese sobre a existência das *epistemologias do Sul*. Mesmo que não aceitemos, no todo ou em parte, essa tese, não podemos deixar de reconhecer que toda a ciência, por mais universal que se pretenda, acaba por ter um lugar, um tempo e uma sociedade. Se isto é verdade em relação às ciências em geral, também o é, *a fortiori*, em relação às ciências sociais e humanas e, dentro destas, às ciências da comunicação. Coloca-se, deste modo, a questão de saber se o espaço ibero-americano de ciências da comunicação tende a se aproximar de uma epistemologia do Sul ou se, pelo contrário, tende a se aproximar das epistemologias do Norte (europeu, estadunidense).

A discussão desta questão envolveu a estruturação deste texto em duas partes, cada uma das quais com duas secções. A primeira parte do artigo, intitulada “Contextualização Histórica e Conceitual”, inclui uma primeira secção sobre as origens do conceito de epistemologias do Sul e uma segunda sobre a delimitação desse mesmo conceito – num e noutro caso tendo como referências fundamentais as obras de BSS.

A segunda parte do artigo, intitulada “Estudo Empírico”, inclui uma primeira secção, de análise bibliométrica, sobre a presença do conceito de epistemologias do Sul nas revistas de ciências da comunicação do espaço ibero-americano; a segunda secção trata de averiguar a eventual orientação dessas revistas para as epistemologias do Sul, recorrendo à análise de uma amostra significativa<sup>1</sup> de revistas científicas de diferentes países do espaço ibero-americano.

<sup>1</sup> Pressuponho, aqui, a distinção entre amostra representativa e amostra significativa – para sublinhar que a amostra por mim utilizada não tem qualquer veleidade de “representar”, e menos ainda de “representar fielmente”, a totalidade das revistas ibero-americanas de ciências da comunicação.

<sup>2</sup> Ver, sobre este percurso, a entrevista com Bruno Sena Martins feita por ocasião dos 40 anos da *Revista Crítica de Ciências Sociais* e do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (Martins & Sousa Santos 2018).

<sup>3</sup> Referi-me a ambas as obras no meu livro *A Informação como Utopia* (Serra, 1998, p. 71, ss).

## CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CONCEITUAL

### As origens do conceito de epistemologias do Sul

A teorização das epistemologias do Sul, por parte de BSS, representa, simultaneamente, um ponto de chegada e um ponto de partida no seu percurso intelectual<sup>2</sup>. Representa um ponto de chegada uma vez que é antecedida pela sua reflexão sobre as ciências patente em obras como *Um Discurso sobre as Ciências* (1988) e *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna* (1989)<sup>3</sup>. Representa um ponto de partida pois marca o início daquilo que pode ser visto, simultaneamente, como uma fase mais radical (crítica) e mais construtiva (de alternativas) não só da reflexão sobre as ciências, mas também da ação política decorrente dessa reflexão – já que, como BSS acentua em vários dos seus textos, as epistemologias

do Sul não surgem apenas da teoria mas, sobretudo, de uma praxis que ilumina quer a sua gênese quer o seu sentido.

Sobre a (história da) formulação do conceito, na introdução do primeiro dos livros escritos sobre o tema, BSS e a coorganizadora referem que “este conceito foi formulado inicialmente por Boaventura de Sousa Santos em 1995 e posteriormente re-elaborado em várias publicações” (Sousa Santos & Meneses, 2008, p. 12). Esta é uma formulação que Maria Paula Meneses repete em artigo de 2008, afirmando que “em 1995, Boaventura de Sousa Santos propôs o conceito de ‘epistemologia do Sul’, o qual veio a suscitar vários debates (Meneses, 2008, p. 5). A obra de 1995 referida em ambos os casos é o livro *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*, publicado pela Routledge, no qual, relativamente ao conceito em causa, assume particular relevo a secção “The South” (Sousa Santos, 1995).

Na passagem dessa secção que podemos considerar como a formulação seminal das epistemologias do Sul, BSS afirma que “a crítica da relação imperial” do Norte colonizador com o Sul colonizado implica três fases (que são outras tantas injunções programáticas): “aprender que há um Sul” (*learning that there is a South*), “aprender a ir para o Sul” (*learning to go South*), e “aprender com o Sul” (*learning from the South*), concluindo que

A desfamiliarização do Norte imperial é, assim, uma epistemologia complexa, composta por atos sucessivos de desaprender em termos de conhecimento-regulação (*da ordem ao caos*) [ênfase adicionada] e reaprender em termos de conhecimento-emancipação (*do colonialismo à solidariedade*) [ênfase adicionada]. (Sousa Santos, 1995, p. 508)

Também na entrevista com Bruno Sena Martins, mencionada atrás, BSS se refere a três “fases” na sua crítica do positivismo da ciência moderna e na construção das epistemologias do Sul, considerando que estas estão longe de ser “um processo acabado” – uma consciência que estará patente no livro então publicado nos Estados Unidos da América, *The End of the Cognitive Empire* (2018) (Martins & Sousa Santos, 2018, p. 44).

A primeira dessas fases, que se terá iniciado com a obra *Um Discurso sobre as Ciências* (1988), compreende a “luta pelo pluralismo interno da ciência”, criticando o positivismo científico, pugnando pela inclusão na ciência de outras formas de conhecimento que não a ciência “positiva” (teoria crítica, filosofias etc.).

A segunda fase, cujo início BSS situa no seu trabalho de pesquisa no Rio de Janeiro (favela do Jacarezinho), é uma luta pelo *pluralismo externo*, ou seja, pela

defesa da ideia de que a ciência não é a única forma de conhecimento válida, que há várias formas de conhecimento válidas, e a ciência é apenas uma delas.

A terceira fase – na qual se se encontraria no momento da entrevista – é aquela em que os diversos conhecimentos são colocados “numa interação criativa que são as *ecologias dos saberes* e as *artesanias das práticas*”, algo que só poderá ocorrer “em contextos de luta social”, “nos processos de luta por uma sociedade mais justa” – e essa interação está longe de ser um processo fácil, exigindo um esforço permanente de *tradução*:

A diversidade intercultural e interpolítica obriga a um esforço de tradução intercultural e de uma reconstrução política muito forte. Trata -se de um pluralismo externo que não quer ser uma síntese, mas que não se quer perder na fragmentação total da diversidade. Daí a minha luta contra o relativismo. (Martins & Sousa Santos, 2018, p. 44)

Repensando esta delimitação de “fases”, que daria a ideia de um progresso típica do próprio positivismo, BSS reformula a descrição do seu percurso em termos de uma “espiral”, pensando desse modo “o pluralismo interno, o pluralismo externo, a articulação de lutas tendo em conta a diversidade de conhecimentos, em que todos são válidos, mas não são todos igualmente válidos, em função das lutas em que estamos” (Martins & Sousa Santos, 2018, p. 45).

No que se refere ao contexto histórico, social e político em que surgem as epistemologias do Sul, diz BSS:

No plano intelectual, elas não seriam possíveis sem duas propostas que revolucionaram a pedagogia e as ciências sociais no final da década de 1960 e ao longo da década de 1970: a pedagogia do oprimido de Paulo Freire e a investigação-ação participativa (IAP) de Orlando Fals Borda. Esses dois pilares portentosos contribuíram decisivamente para a formulação das epistemologias do Sul. (Sousa Santos, 2019, pp. 355-366)

### **Delimitação do conceito de epistemologias do Sul**

Traçar as origens do conceito de epistemologias do Sul permitiu-nos, desde logo, identificar algumas das notas fundamentais desse conceito. Para a explicitação dessas e doutras notas conceituais, tendo em conta, por um lado, as centenas de páginas que BSS dedicou ao tema das epistemologias do Sul (para além dos trabalhos citados no texto, ver Sousa Santos, 2008a, 2008b, 2014, 2018, 2020; Sousa Santos, Araújo & Baumgarten, 2016; Sousa

Santos, Nunes & Meneses, 2008) e, por outro lado, o caráter processual (em “espiral”) da sua reflexão, teremos como base o último livro que, de forma explícita, o autor dedicou ao tema: o já referido *The End of the Cognitive Empire: The Coming of Age of Epistemologies of the South*, de 2018, cuja versão em português, com o título *O Fim do Império Cognitivo: A Afirmação das Epistemologias do Sul*, foi publicada no Brasil em 2019 (é esta versão que seguimos aqui).

Começemos pela explicitação da expressão “epistemologias do Sul”:

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. (Sousa Santos, 2019, p. 17)

O objetivo destas epistemologias é “permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas desse modo serão capazes de o transformar de acordo com as suas próprias aspirações” (Sousa Santos, 2019, p. 17).

O Sul das epistemologias do Sul não coincide, totalmente, com o Sul geográfico – já que pode haver Sul, e vários tipos de Sul, no seio do Norte e, inversamente, Norte, e vários tipos de Norte, dentro do Sul (Sousa Santos, 2019, pp. 17-18).

Deste modo, as epistemologias do Sul não são epistemologias em sentido convencional, que visem ao estudo da ciência e da crença justificada, ou mesmo do respetivo contexto social e histórico:

Trata-se antes de identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão. Muitas dessas formas de conhecimento não configuram conhecimentos pensados como atividade autônoma, e sim gerados e vividos em práticas sociais concretas. (Sousa Santos, 2019, p. 18)

As epistemologias do Sul visam contrariar o papel de dominação exercido pelas epistemologias do Norte, assentes numa concepção (monista) de ciência como um conhecimento que se caracteriza pelo rigor, o universalismo, a verdade, a distinção entre sujeito e objeto, a natureza como *res extensa*, a temporalidade linear, o progresso da ciência, a objetividade assente na neutralidade social e política (Sousa Santos, 2019, p. 24).

A ciência moderna foi o instrumento de que o Norte colonial, capitalista e patriarcal se serviu para levar a cabo o “epistemicídio multifacetado” (Sousa Santos, 2019, p. 162) no Sul, privando este das suas formas de conhecimento próprias, construídas ao longo de séculos ou mesmo milênios, e perfeitamente adaptadas à sua praxis. Impõe-se, assim, aquilo a que BSS chama uma *descolonização cognitiva* (Sousa Santos, 2019, p. 161).

Essa descolonização não implica negar a ciência, mas antes a ciência abissal, para colocar no seu lugar uma ciência pós-abissal. A ciência abissal é aquela que assenta numa linha de separação entre o “lado de cá” (o Norte) e o “lado de lá” (o Sul), considerando o conhecimento do primeiro como o unicamente válido e remetendo o do segundo para a inexistência e a invisibilidade; as distinções, por exemplo, entre a ciência positiva e filosofias feitas “do lado de cá” dão já como adquirida e natural a separação abissal feita previamente, e que assim é ocultada:

As epistemologias do Norte concebem o Norte epistemológico eurocêntrico como sendo a única fonte de conhecimento válido, seja qual for o local geográfico onde se produza esse conhecimento. Na mesma medida, o Sul, ou seja, aquilo que fica do “outro” lado da linha, é entendido como sendo o reino da ignorância. O Sul é o problema; o Norte é a solução. Nesses termos, a única compreensão válida do mundo é a compreensão ocidental. (Sousa Santos, 2019, p. 25)

A ciência pós-abissal exige um novo tipo de metodologia, diferente do da ciência abissal, pelo que as epistemologias do Sul “propõem metodologias não extrativistas” (Sousa Santos, 2019, p. 179).

As metodologias não extrativistas recorrem a “perspectivas surpreendentes” para formular conceitos como os de *sociologia das ausências* – que visa “estudar na realidade social o que parece aí não existir” –, a *sociologia das emergências* – “o estudo daquilo que ainda não é realidade, ou que é realidade apenas em potência” –, a *ecologias dos saberes* – “imagina relações entre conhecimentos que, à luz das teorias de sistemas convencionais, seriam possíveis apenas entre elementos da mesma totalidade”, relações entre “conhecimentos autônomos envolvidos em processos de fusão ou hibridização” – e a *tradução intercultural* – que, diferentemente do seu significado convencional (“formas de inteligibilidade das mesmas ideias ou de ideias semelhantes em línguas diferentes”), se refere, nas epistemologias do Sul, a “ideias que são muitas vezes extremamente diferentes e que podem ou não ser expressas na mesma língua” (Sousa Santos, 2019, pp. 189-190). Deste modo, e em resumo,

Os instrumentos principais das epistemologias do Sul são os seguintes: a linha abissal e os vários tipos de exclusão social que ela cria; a sociologia das ausências e a sociologia das emergências; a ecologia de saberes e a tradução intercultural; a artesanaria das práticas. (Sousa Santos, 2019, p. 41)

Em contraste, as epistemologias extrativistas da ciência abissal, tal como o seu próprio nome indica, concebem o conhecimento como uma extração de informação (ou dados), como um extrativismo que mais não é que a versão cognitiva do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (Sousa Santos, 2019, p. 193). Essa extração é feita a partir de objetos humanos ou não humanos, de forma unilateral (o extrator nunca é extraído), de modo intensivo ou extensivo até à exaustão das fontes, e o não extraível é considerado irrelevante e, por consequência, é eliminado (Sousa Santos, 2019, p. 194). Apesar de estas metodologias não poderem ser “descolonizáveis”, em certas circunstâncias, os conhecimentos produzidos podem “ser ressignificados ou reconfigurados e utilizados para fins contra-hegemônicos” (Sousa Santos, 2019, p. 194).

No que se refere à descolonização das metodologias – configurando aquilo a que BSS chama “metodologias antiextrativistas ou pós-extrativistas” –, ela “consiste em todos os processos capazes de produzir conhecimento aceitáveis e confiáveis de modo não-extrativista, ou seja, através da cooperação entre sujeitos de saber e não através de interações cognitivas unilaterais sujeito/objeto” (Sousa Santos, 2019, p. 194).

As metodologias extrativistas obliteram o facto de a ciência ser, do ponto de vista literal (o oculo-centrismo) ou metafórico, uma certa *perspetiva*, de tal modo que aquilo que permite ver é apenas parte de tudo aquilo que esconde; ou, nas palavras de BSS, “as metodologias apenas nos fornecem as respostas sobre o mundo que correspondem às perguntas que foram feitas, sendo essas perguntas uma ínfima parte daquelas que poderiam ter sido colocadas”. Essas metodologias caem, assim, no *fetichismo metodológico*, que “consiste na convicção de que se obtém a verdade sobre o objeto pela simples razão de se respeitarem as metodologias, e de que essa é a única verdade relevante” (Sousa Santos, 2019, p. 202).

Um outro ponto de contraste entre a ciência abissal e a ciência pós-abissal é que o conhecimento, nesta última, “surge de processos de *conhecer-com* em vez de *conhecer-sobre*” (Sousa Santos, 2019, p. 232), e “todo o trabalho de investigação orientado pelas epistemologias do Sul é, na sua essência, coletivo” (Sousa Santos, 2019, p. 235).

No entanto, a ciência pós-abissal “é, por enquanto, algo a que se aspira, um programa de investigação que, se avaliado à luz do paradigma dominante (as epistemologias do Norte), é, sem dúvida, utópico” (Sousa Santos, 2019, p. 209), e os cientistas que advogam por ela são “alvo de uma dupla



estigmatização: primeiro, porque não são ‘verdadeiros cientistas’ aos olhos dos seus pares no contexto da academia; segundo, porque não são considerados ‘verdadeiros combatentes’ pelos protagonistas das lutas sociais” (Sousa Santos, 2019, pp. 209-210).

Há, assim, também, uma linha de separação entre a ciência pós-abissal e a “maior parte do conhecimento que circula no mundo e é relevante para as vidas das pessoas”: enquanto este é “oral e artesanal”, as universidades e os centros de investigação privilegiam o conhecimento “escrito e científico”. Para que um e outro possam integrar as “ecologias dos saberes”, visando a luta contra a opressão capitalista, colonial e patriarcal, o conhecimento científico deve ser “desmonumentalizado” e “oralizado” (Sousa Santos, 2019, p. 413).

### **As ciências da comunicação e as epistemologias do Sul**

A contextualização e a delimitação do conceito de epistemologias do Sul que acabamos de fazer suscita-nos a seguinte questão: será que a investigação em ciências da comunicação no espaço ibero-americano tende a se aproximar das epistemologias do Sul? Ou ela tende, pelo contrário, a se aproximar das epistemologias do Norte?

Responder a essa questão envolve, em primeiro lugar, determinar questões como as seguintes: quais poderão ser as implicações do conceito de epistemologias do Sul na investigação em comunicação? Como se distinguem os estudos de comunicação que se colocam numa perspectiva de epistemologias do Sul daqueles que se colocam do ponto de vista das epistemologias do Norte?

Estas questões não são novas, e já têm sido tratadas por outros autores – desde logo pelo próprio BSS, pelo menos em termos gerais, quando afirma que o mito de que “todos os problemas sociais e políticos teriam soluções técnicas”, mesmo se se encontra numa fase de perda de credibilidade, “ainda subsiste entre nós, exacerbado agora pela revolução das tecnologias de informação e comunicação” (Sousa Santos, 2019, p. 409).

Essa revolução das tecnologias de informação e comunicação, cujos impactos sobre a sociedade e a cultura são profundos, tem, também, impacto na forma como, hoje em dia, tende a conceber-se a comunicação e os media.

De facto, como sublinham Araújo e Santos (2017, p. 79), os estudos da comunicação e dos media feitos na perspectiva das epistemologias do Norte tendem a centrar-se numa definição de media que os identifica com o tecnológico, o novo, o ocidental, o do Norte – esquecendo todos os outros modos de mediação e comunicação, nomeadamente os que caracterizam as epistemologias



do Sul, tanto no Sul como no Norte geográficos, e que é descartado para aquilo a que por vezes se chama o *indígena* ou o *tradicional*.

A uma conclusão análoga chegam Carvalho et al. (2020). Tendo como base a análise de uma amostra constituída por 116 artigos publicados entre 2016 e 2018, nas revistas de comunicação então indexadas nos cinco primeiros lugares da Scopus (*Journal of Communication, Applied Linguistics, Political Communication, International Journal of Press/Politics, Communication Theory*), e selecionados em função de quatro palavras-chave (*media, traditional media, indigenous media, social media*) (Carvalho et al., 2020, p. 223), os autores detectaram as seguintes tendências dominantes:

- “Media” tende a ser igual a “digital”. . . A referência a “media indígena” não foi encontrada e nenhum dos artigos focou quaisquer outros media que não os media de massa e online.
- “Media tradicional” como “media de massa” . . .
- “Media social” como “media digital” . . .
- Prevalência de tecnologia de ponta na definição de media . . .
- Liberal como tendencialmente universal . . .
- Pouco reconhecimento das ecologias mediáticas . . . (Carvalho et al., 2020, pp. 226-228)

Uma das consequências fundamentais da definição de media em função do critério moderno do progresso científico-tecnológico, que considera como não media ou media ultrapassados os que não se enquadram naquela definição, é que “os saberes e os relatos que as vozes que usam esses meios [não tecnológicos, não digitais] expressam são consideradas também como inferiores, pré-modernos e passíveis de serem legitimamente superados ou positivamente atualizados” (Carvalho et al., 2020, p. 217).

Mas a distinção entre ciências da comunicação tendentes para o Norte ou para o Sul epistemológicos não pode fazer-se apenas pela concepção de comunicação e media que pressupõem – mas também por aspetos como os temas tratados, as metodologias e métodos utilizados para os investigar – os resultados que pretendem obter:

i) Temas: enquanto as epistemologias do Norte tendem, cada vez mais, a centrar-se em temas como os novos media e as suas utilizações, a media-tização da sociedade, a literacia mediática, a desinformação, a comunicação estratégica etc., as epistemologias do Sul tendem a abordar temas relacionados com a trilogia conceitual capitalismo, colonialismo e patriarcado, incluindo por exemplo temas como raça, gênero, migrações, movimentos sociais, redes comunitárias, sustentabilidade etc.

<sup>4</sup>Adoto aqui, com adaptações, a distinção de BSS: “Quando falo da questão do método, no singular, refiro-me à metodologia, ou seja, às questões teóricas e analíticas relativas a como a investigação deve ser efetuada no que diz respeito ao seu próprio contexto e aos objetivos visados. Quando falo de métodos, no plural, refiro-me às técnicas de recolhimento de informação ou aos contextos concretos em que a cocriação de conhecimento tem lugar” (Sousa Santos, 2019, pp. 203-204).

ii) Metodologias<sup>4</sup>: enquanto as epistemologias do Norte tendem a utilizar metodologias quantitativas, características das ciências da natureza, visando à obtenção de conclusões universais, as epistemologias do Sul tendem a utilizar metodologias qualitativas, características das ciências sociais e humanas (“ciências do espírito”, segundo Dilthey), visando a obtenção de conclusões contextuais (“universalidade” particular).

iii) Métodos: enquanto as epistemologias do Norte tendem a utilizar métodos de recolha de dados como o questionário ou a análise de conteúdo, que podemos qualificar de extrativistas (investigar sobre, o outro como objeto que deve ser explorado), as epistemologias do Sul tendem a utilizar métodos de recolha de dados como a entrevista, a análise do discurso ou a observação participante, que podemos considerar como não extrativistas e intersubjetivos (investigar com, o outro como sujeito produtor de interpretações e sentidos).

Assim, para responder à questão enunciada no início desta secção – será que a investigação em ciências da comunicação no espaço ibero-americano tende a aproximar-se das epistemologias do Sul? – procedeu-se ao estudo empírico que se apresenta em seguida, e que incidiu sobre os vários aspetos distintivos de ambas as epistemologias.

## ESTUDO EMPÍRICO

Este estudo empírico envolveu dois momentos. No primeiro, procurou-se determinar qual a presença do conceito de epistemologias do Sul nas revistas de ciências da comunicação no espaço ibero-americano, recorrendo a uma pesquisa nas bases de dados Scopus e Web of Science. No segundo, mais extenso e mais relevante, procurou-se determinar qual a orientação – mais para o Norte ou mais para o Sul epistemológicos – de uma amostra, que consideramos significativa, de revistas de ciências da comunicação do espaço ibero-americano.

### **Presença do conceito de epistemologias do Sul nas revistas de ciências da comunicação**

De acordo com a perspetiva corrente, o impacto científico de um conceito ou de uma teoria vê-se, em grande medida, pela quantidade de publicações que o referem. E as publicações científicas são, cada vez mais, artigos em revistas.

Com base nesta perspetiva, fizemos uma pesquisa exploratória visando indagar o número de artigos de revistas indexadas na Scopus e na Web of Science Core Collection que referem a expressão “Epistemologies of the South”.

A pesquisa, feita no dia 7 de julho de 2023, devolveu os resultados apresentados a seguir.

### **Scopus**

A pesquisa foi feita tendo em conta os seguintes descritores: Campos de pesquisa: *Article title, Abstract, Keywords*; Tipo de documento: *Article*.

A pesquisa identificou um total de 117 artigos, dos quais três em revistas da área da comunicação. Esses artigos e revistas são os seguintes:

1. Sousa, L. S., & Oliveira, T. (2018). Cartografias da pesquisa-ação: Em busca de deslocamentos da epistemologia do Sul. *Comunicação e Sociedade*, 33, 57-81. (Número sobre “Epistemologia e Metodologias em Comunicação”.)
2. Suzina, A. C., & Tufte, T. (2020). Freire’s vision of development and social change: Past experiences, present challenges and perspectives for the future. *International Communication Gazette*, 82(5), 411-424. (Número especial dedicado a Paulo Freire.)
3. Souza, J. R. (2021). Discusión sobre el lugar de la cultura en la enseñanza de lenguas: Sobre la no dicotomía entre lengua y cultura. *Revista Caracol*, 22, 438-463<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> A revista *Caracol*, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, é uma das revistas que se encontra indexada na Scopus na área de comunicação.

### **Web of Science Core Collection**

A pesquisa foi feita tendo em conta os seguintes descritores: Campos de pesquisa: *All fields*; Tipo de documento: *Articles*.

A pesquisa identificou um total de 115 artigos, dos quais três em revistas da área de comunicação.

Esses artigos e revistas são os seguintes:

1. O mesmo que o indicado em nº 2 na Scopus.
2. O mesmo que o indicado em nº 3 na Scopus.
3. Baspineiro, A. C. (2022). Comunicologías del Sur. *Chasqui*, (151), 17-50. (Número sobre “Tendencias e Innovación en la Educación Superior en Comunicación a Partir de la Covid-19”.)

### **Principais resultados**

Identificamos, assim, um total de quatro artigos nas revistas indexadas em ambas as bases de dados (e que em parte se repetem): um na revista do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (*Comunicação e Sociedade*), um numa revista da Sage (*International Communication Gazette*), um numa revista da Universidade de São Paulo (*Revista Caracol*), e um na revista do Ciespal (*Chasqui*).

### As revistas de ciências da comunicação e as epistemologias do Sul

#### *Delimitação da amostra*

De acordo com a recolha de dados efetuada por nós em 5 de julho de 2023, com os descritores *Subject area: Social Sciences*, *Subject categorie: Communication*, *Region: IberoAmerica* e *Types: Journals*, existem indexadas no SCImagoJR (Scopus) (<https://bit.ly/3upr0ky>) 59 revistas (*journals*) de comunicação, distribuídas pelos seguintes países ibero-americanos:

**Tabela 1.**

*Revistas por país*

País	Nº de revistas	Perc. de revistas
Espanha	32	54,24
Brasil	10	16,95
Portugal	09	15,25
Peru	02	3,39
Chile	02	3,39
México	01	1,69
Colômbia	02	3,39
Argentina	01	1,69
Total	59	100

*Nota.* Elaborada pelo autor com dados obtidos no SCImagoJR.

Verifica-se, na Tabela 1, que a Espanha se destaca, de forma clara, com mais de 50% das revistas indexadas, situando-se o Brasil e Portugal, respetivamente, em 2º e 3º lugares, ambos com percentagens quase iguais (16,95% e 15,25%); a soma das percentagens dos restantes cinco países fica abaixo das percentagens do Brasil e de Portugal (13,55%).

Das 59 revistas, encontram-se nos cinco primeiros lugares em termos de fator de impacto (SJR – Scimago Journal Rank) as presentes na Tabela 2.

**Tabela 2.**

*Ranking das revistas*

Ordem	Título	SJR	SJR Quartil	H index	País
1	<i>Comunicar</i>	1,412	Q1	51	Espanha
2	<i>Review of Communication Research</i>	0,97	Q1	8	Espanha
3	<i>Profesional de la Informacion</i>	0,872	Q1	40	Espanha
4	<i>Media and Communication</i>	0,865	Q1	30	Portugal
5	<i>Revista Latina de Comunicacion Social</i>	0,691	Q1	24	Espanha

*Nota.* Elaborada pelo autor a partir de dados obtidos no SCImagoJR.

Nas cinco revistas colocadas nos cinco primeiros lugares constam quatro espanholas e uma portuguesa. Note-se, no entanto, que a revista atribuída a Portugal, apesar de ser editada em Lisboa, pela Cogitatio Press (<https://bit.ly/3MXgJCp>), não só tem título em inglês como apresenta as seguintes características: os seus editores são não portugueses (talvez com exceção de um, mas que não tem afiliação em Portugal); tem raros portugueses como autores ou coautores; publica em inglês. Assim, dificilmente poderíamos considerá-la uma revista “portuguesa” da área da comunicação.

De entre as 59 revistas indexadas na Scopus, selecionamos para análise uma amostra de cinco revistas com base nos seguintes critérios: *país* – revista com melhor classificação em cada país que, cumulativamente, seja publicada em língua ibero-americana (português ou espanhol); *subárea* – comunicação e media (e não, por exemplo biblioteconomia, literatura etc.); *continente* – duas revistas da Europa, uma de Portugal e uma Espanha; duas revistas da América do Sul, uma em língua portuguesa (Brasil) e uma em língua espanhola; uma revista da América do Norte, neste caso apenas em língua espanhola (México)<sup>6</sup>.

Aplicando estes critérios, a nossa amostra ficou constituída pelas sete revistas/países indicados na Tabela 3.

<sup>6</sup>Na altura da pesquisa não havia revistas da América Central indexadas na Scopus na área de comunicação.

**Tabela 3.**

*Amostra de revistas por país*

País	Revista	Website	SJR
Espanha	<i>Comunicar</i>	<a href="https://www.revistacomunicar.com/">https://www.revistacomunicar.com/</a>	1
Peru	<i>Revista de Comunicación</i>	<a href="https://revistadecomunicacion.com/index">https://revistadecomunicacion.com/index</a>	8
México	<i>Comunicacion y Sociedad</i>	<a href="https://comunicacionsociedad.cucsh.udg.mx/index.php/comsoc">https://comunicacionsociedad.cucsh.udg.mx/index.php/comsoc</a>	22
Portugal	<i>Comunicação e Sociedade</i>	<a href="https://revistacomsoc.pt/">https://revistacomsoc.pt/</a>	27
Brasil	<i>Comunicação Mídia e Consumo</i>	<a href="https://revistacmc.espm.br/revistacmc">https://revistacmc.espm.br/revistacmc</a>	49

Nota. Elaborada pelo autor a partir de dados obtidos no SCImagoJR.

Para cada uma das revistas indicadas, consideramos apenas os números e os artigos publicados ao longo do ano de 2022, conforme indicado na Tabela 4.

**Tabela 4.**

*Números e artigos publicados em 2022*

Revista (País)	Nº publicados em 2022	Total de artigos <sup>7</sup>
<i>Comunicar</i> (Espanha)	4	40
<i>Revista de Comunicación</i> (Peru)	2	39
<i>Comunicacion y Sociedad</i> (México)	1	30

<sup>7</sup>Não considerando editoriais, introduções, notas de apresentação, resenhas ou entrevistas.

Continua...

## Continuação

Revista (País)	Nº publicados em 2022	Total de artigos <sup>7</sup>
<i>Comunicação e Sociedade</i> (Portugal)	2	26
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i> (Brasil)	3	25
Total	12	160

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

Cada um dos artigos foi classificado de acordo com as seguintes categorias: “País do 1º autor” (considerando a instituição a que está afiliado),<sup>8</sup> “Tema” (com base no título), “Media” (meio de comunicação a que se refere o artigo, quando for o caso), “Metodologia” (quantitativa, qualitativa ou mista), e “Métodos” (técnicas de recolha de dados). Esta classificação dos dados, bem como a respetiva recolha, foi feita exclusivamente por mim, sem recurso a quaisquer outros codificadores – o que se justifica em razão do objetivo predominantemente exploratório e hermenêutico deste artigo. Os dados recolhidos têm na base as indicações fornecidas pelos autores nos títulos, autores, resumos e palavras-chave dos artigos; e, quando algumas das informações nesses elementos eram omissas ou duvidosas, recorreu-se à consulta dos artigos completos.

<sup>8</sup> Assim, e para darmos apenas um exemplo, um autor de nome claramente português, mas afiliado a uma instituição nos EUA, foi por nós considerado como dos EUA.

**Principais resultados***País do 1º autor*

Para se verificar o grau de permeabilidade entre autores e revistas/países, analisou-se o país de origem do primeiro autor de cada um dos artigos.

Como se constata na Tabela 5, Espanha detém a maior quantidade de primeiros autores (66), sendo seguida pelo Brasil (27) e Portugal (17). Estes três países totalizam 110 autores, ou seja, 69% do total, e só Portugal e Espanha representam mais de metade do total (83). Há, assim, uma sobrerrepresentação de autores de países europeus.

Esta distribuição de autores por países implica desde logo que há autores que escrevem artigos em mais revistas do que aquelas que pertencem aos respetivos países, como também se verifica na Tabela 5.

**Tabela 5.***País do 1º autor e por revista*

País do 1º autor	Total	Comunicação e Sociedade	Comunicação, Mídia e Consumo	Comunicación y Sociedad	Comunicar	Revista de Comunicación
África do Sul	1	1	0	0	0	0
Alemanha	2	0	0	0	2	0

Continua...

## Continuação

País do 1º autor	Total	Comunicação e Sociedade	Comunicação, Mídia e Consumo	Comunicación y Sociedad	Comunicar	Revista de Comunicación
Argentina	5	0	1	2	0	2
Brasil	27	6	19	1	1	0
Chile	5	0	0	3	1	1
Colômbia	7	0	0	2	3	2
Cuba	1	0	0	0	1	0
Equador	1	0	0	0	0	1
Eslovênia	1	0	0	0	1	0
Espanha	66	2	3	12	23	26
EUA	2	1	0	0	0	1
Filipinas	1	0	0	0	1	0
Itália	1	0	0	0	1	0
Lituânia	1	0	0	0	1	0
Malásia	1	0	0	0	0	1
México	10	0	0	8	1	1
Peru	6	0	0	2	1	3
Portugal	17	15	2	0	0	0
Reino Unido	2	1	0	0	1	0
Romênia	1	0	0	0	1	0
Turquia	1	0	0	0	1	0
Venezuela	1	0	0	0	0	1
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>26</b>	<b>25</b>	<b>30</b>	<b>40</b>	<b>39</b>

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

Assim, verifica-se que os autores de Espanha se distribuem não só pela revista espanhola (*Comunicar*), mas também pelas outras revistas de língua espanhola, sobretudo as do Peru e do México (*Revista de Comunicación* e *Comunicacion y Sociedad*, respetivamente), publicando muito raramente em revistas de língua portuguesa; e, ainda, que nenhum dos autores de outros países de língua espanhola publica senão em revistas de língua espanhola.

De forma análoga, os autores de língua portuguesa publicam quase exclusivamente em revistas do Brasil (sobretudo autores brasileiros) e de Portugal (sobretudo autores portugueses); assim, no caso dos autores portugueses, há apenas dois artigos em revistas de língua espanhola, não havendo nenhum no caso dos portugueses. Estes resultados confirmam e reforçam, certamente, aquilo que em artigo anterior chamei “o (des)conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de ciências da comunicação” (Serra, 2016) e que se traduz no



facto de o espaço ibero-americano de ciências da comunicação ser um espaço dividido pelas duas línguas.

### Temas

Para verificarmos que temas haveria relacionados com a trilogia conceitual/temática das epistemologias do Sul – capitalismo, colonialismo patriarcado – procedeu-se a uma análise lexical dos enunciados dos títulos dos artigos. A análise permitiu-nos identificar as seguintes categorias: colonialismo, consumo, direitos humanos, gênero, identidade cultural, movimentos sociais, redes comunitárias e sustentabilidade.

Essas categorias são apresentadas na Tabela 6, que indica também as revistas em que os artigos foram publicados (a lista com os títulos dos artigos e respetivas categorias consta no Apêndice 1).

**Tabela 6.**

*Temas dos artigos*

Revista	Total	<i>Comunicação e Sociedade</i>	<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	<i>Comunicación y Sociedad</i>	<i>Comunicar</i>	<i>Revista de Comunicación</i>
<b>Categorias</b>						
Colonialismo <sup>9</sup>	13	11	2	0	0	0
Consumo	4	0	4	0	0	0
Direitos humanos	10	4	2	0	4	0
Gênero	13	1	5	4	1	2
Identidade cultural	4	1	2	0	0	1
Movimentos sociais	3	0	0	2	0	1
Redes comunitárias	1	0	0	1	0	0
Sustentabilidade	2	0	0	1	1	0
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>17</b>	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>4</b>
<b>(Total de artigos)</b>	<b>(160)</b>	<b>(26)</b>	<b>(25)</b>	<b>(30)</b>	<b>(40)</b>	<b>(39)</b>

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

Os 50 artigos identificados na análise representam 31% do total de 160 artigos consultados, ou seja: quase um terço dos artigos incide, de forma explícita, sobre temas relacionados com as epistemologias do Sul.

Em termos de revistas, verifica-se que *Comunicação e Sociedade* (Portugal) e *Comunicação, Mídia e Sociedade* (Brasil) detêm o maior número de menções (mais de metade dos seus títulos), enquanto o menor número cabe a *Comunicar*

<sup>9</sup>O relativamente elevado número de menções nesta categoria tem a ver, em parte, com o facto – significativo em si mesmo – de a revista *Comunicação e Sociedade* (Portugal) ter dedicado o seu nº 41 (junho de 2002) ao tema “Reparações Históricas: Desestabilizando Construções do Passado Colonial”.

(Espanha) e *Revista de Comunicación* (Peru), cabendo a *Comunicación y Sociedad* (México) um lugar intermediário.

### *Media*

A Tabela 7 permite constatar que, no total dos 160 artigos, há 26 (16%) que não se referem a qualquer media (tratam de outros aspetos da comunicação), referindo-se os outros 134 (84%) a um determinado tipo de media. Nestes, o tipo de media mais representado é o dos media digitais/online (Facebook, Twitter, YouTube, Instagram, Web, smartphones etc.), com 73 menções – o que, na prática, significa mais de metade (55%) dos 134 artigos que incidem sobre media, encontrando-se a larga distância destes media mais “tradicionais” como a televisão e os jornais (com, respetivamente, 16 e 15 menções). No lado oposto, o dos media menos representados, o livro tem quatro menções, as revistas, duas, e media como a oralidade, a fotografia, o cinema ou os cartazes têm apenas uma menção cada. Ressalta-se, assim, de forma clara, a orientação predominante das revistas para os também chamados *novos media*.

**Tabela 7.**

*Media referidos nos artigos*

Revista	Total	<i>Comunicación e Sociedade</i>	<i>Comunicación, Mídia e Consumo</i>	<i>Comunicación y Sociedad</i>	<i>Comunicar</i>	<i>Revista de Comunicación</i>
<b>Media</b>						
Nenhum	26	2	2	7	9	6
Arte	1	1	0	0	0	0
Cartazes	1	0	1	0	0	0
Cinema	1	1	0	0	0	0
Fotografia	1	1	0	0	0	0
Imprensa	1	0	1	0	0	0
Jornais	15	6	3	3	0	3
Livros	4	4	0	0	0	0
Media digitais/ online	73	9	10	11	26	17
Media em geral	11	0	1	2	4	4
Media noticiosos	1	0	0	0	0	1
Netflix	2	0	0	0	0	2
Oralidade	1	0	1	0	0	0

Continua...

Continuação

Revista	Total	<i>Comunicação e Sociedade</i>	<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	<i>Comunicación y Sociedad</i>	<i>Comunicar</i>	<i>Revista de Comunicación</i>
<b>Media</b>						
Podcasts	1	0	0	0	0	1
Publicidade	1	0	1	0	0	0
Revistas	2	0	1	0	1	0
Televisão	16	2	3	6	0	5
Transmedia	1	0	0	1	0	0
Videogame	1	0	1	0	0	0
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>26</b>	<b>25</b>	<b>30</b>	<b>40</b>	<b>39</b>

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

Esta tendência, transversal a todas as revistas, é, no entanto, mais marcada ainda nos casos da *Comunicar*, da Espanha (26 artigos em 31 dos que incidem sobre media, ou seja, 84%), da *Revista de Comunicación*, do Peru (17 em 33, 52%) e da *Comunicación y Sociedad*, do México (11 em 23, 48%).

*Metodologia*

A Tabela 8 apresenta a classificação dos artigos em relação à sua metodologia. Observamos que, em termos globais, predominam claramente as metodologias qualitativas (84, ou seja, 52,5%) sobre as quantitativas (57, ou seja, 35,6%), representando as restantes 19 uma pequena parte (11,9%).

**Tabela 8.**

*Classificação dos artigos em relação à metodologia*

Metodologia	Experimental	Qualitativa	Quantitativa	Quantitativa/ Qualitativa	Quantitativa/ Qualitativa, Design	Total
<b>Revista</b>						
<i>Comunicação e Sociedade</i>	0	22	3	1	0	26
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	0	19	5	1	0	25
<i>Comunicación y Sociedad</i>	0	18	10	2	0	30
<i>Comunicar</i>	1	12	20	6	1	40
<i>Revista de Comunicación</i>	0	13	19	7	0	39
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>84</b>	<b>57</b>	<b>17</b>	<b>1</b>	<b>160</b>

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

No que se refere às revistas, verifica-se que há uma divisão entre dois grupos: nas revistas *Comunicação e Sociedade* (Portugal), *Comunicação, Mídia e Consumo* (Brasil) e *Comunicación y Sociedad* (México) predominam as metodologias qualitativas; nas revistas *Comunicar* (Espanha) e *Revista de Comunicación* (Peru) predominam as metodologias quantitativas (metade ou quase metade dos artigos, respetivamente), contrariando, assim, a tendência global para o qualitativo.

### Métodos

Nem sempre foi fácil classificar os métodos (ou “técnicas”) de recolha de dados indicados pelos autores dos artigos: seja porque as designações para os mesmos métodos eram, por vezes, diversas<sup>10</sup>, seja porque grande parte dos artigos referiam mais de um método de recolha de dados.

A Tabela 9 apresenta os métodos mais utilizados, seja isoladamente, seja associados com outros<sup>11</sup>.

**Tabela 9.**

*Métodos de recolha de dados*

Uso	Uso isolado	Uso associado	Total	Perc./160 artigos
Métodos				
Análise de conteúdo	25	10	35	21,9
Questionário	18	7	25	15,6
Análise de discurso	13	5	18	11,3
Entrevista	12	13	25	15,6
Total	68	35	103	64,4

Nota. Elaborada pelo autor com base nas informações presentes nos sites das revistas.

Estes dados permitem concluir que os métodos (ou “técnicas”) de recolha de dados mais extrativistas, como é o caso da análise de conteúdo e do questionário, são utilizados, isoladamente ou em associação com outro(s), em 60 artigos, ou seja, 38% do total de 160 artigos; já a análise de discurso e a entrevista são utilizadas em 43 artigos, ou seja, 27% do total. A observação participante, por sua vez, obtém apenas duas menções, em ambas associada à entrevista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta secção faremos algumas considerações gerais e conclusivas sobre os resultados obtidos nos estudos empírico.

Começamos pela primeira parte do estudo, sobre a presença da expressão “*epistemologies of the South*” nas revistas da área de comunicação indexadas na

<sup>10</sup>É o caso, por exemplo, da análise de conteúdo (que é referida ora como qualitativa ora como quantitativa), ou da análise de discurso (que é qualificada, umas vezes de crítica, outras não).

<sup>11</sup>Não consideramos aqui a revisão da literatura, indicada dez vezes, já que ela está, de uma forma ou de outra, presente em todos os artigos.

Scopus e na Web of Science (e que, em parte, se sobrepõem). Como vimos, essa presença reduz-se a quatro artigos, e é, portanto, muito reduzida.

Já sobre a segunda parte do estudo empírico, no que se refere ao país do primeiro autor, os autores de Portugal e Espanha representam mais de metade do total, verificando-se, assim, uma sobre-representação de autores de países europeus, ou seja, do Norte (geográfico). Quanto aos temas, quase um terço dos artigos incide sobre temas relacionados com as epistemologias do Sul. No que diz respeito aos media, há uma orientação predominante das revistas para os media digitais/online, ocupando os media mais antigos um papel secundário. Em relação à metodologia, apesar de globalmente predominarem as qualitativas, há revistas em que predominam as quantitativas. No que respeita aos métodos, apesar de o questionário e a análise de conteúdo serem utilizados na maior parte dos casos, a análise de discurso e a entrevista são utilizadas de forma também substancial. Em termos de revistas/países, pode-se dizer que a distinção nos domínios referidos não se situa entre os países ibéricos e os americanos, mas entre, de um lado, Portugal, Brasil e México e, de outro, Espanha e Peru – e o primeiro grupo de países tem uma orientação mais próxima das epistemologias do Sul do que o segundo grupo.

Os resultados do estudo permitem concluir globalmente que, mesmo não podendo considerar que o espaço ibero-americano de ciências da comunicação é (já) um espaço de ciência pós-abissal, orientado para o Sul epistemológico, ele revela sinais de alguma orientação nesse sentido, demarcando-se de modo significativo das epistemologias do Norte, nomeadamente no que se refere aos seus temas, às suas metodologias e aos seus métodos.

Como não poderia deixar de ser, estas conclusões têm a sua validade no contexto do estudo aqui apresentado, e nas condições específicas que ele envolveu, havendo necessidade de outros estudos complementares para a sua replicação ou revisão. ■

## REFERÊNCIAS

- Araújo, S., & Santos, S. J. (2017). Os media e a proposta das epistemologias do Sul. *Janus*, 78-79.
- Carvalho, A. S., Santos, S. J., & Houart, C. (2020). Exploring the mediascape from the epistemologies of the South. *Commons. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital*, 9(2), 211-237. <http://dx.doi.org/10.25267/commons.2020.v9.i2.07>
- Martins, B. S., & Sousa Santos, B. (2018). Socialismo, democracia e epistemologias do Sul. Entrevista com Boaventura de Sousa Santos

- [Número especial]. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 9-54. <https://doi.org/10.4000/rccs.7647>
- Meneses, M. P. (2008). Introdução. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 5-10. <https://doi.org/10.4000/rccs.681>
- Santos, B. (2019). O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul. Autêntica.
- Serra, J. P. (1998). *A informação como utopia*. Universidade da Beira Interior.
- Serra, J. P. (2016). O (des)conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de ciências da comunicação. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3(2), 57-68. <https://doi.org/10.21814/rlec.115>
- Sousa Santos, B. (1988). *Um discurso sobre as ciências*. Afrontamento.
- Sousa Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Afrontamento.
- Sousa Santos, B. (1995). *Toward a new common sense: Law, science and politics in the paradigmatic transition*. Routledge.
- Sousa Santos, B. (2008a). A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 11-43.
- Sousa Santos, B. (2008b). Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In B. Sousa Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul* (pp. 23-71). Almedina.
- Sousa Santos, B. (2014). *Epistemologies of the South: Justice against epistemicide*. Paradigm.
- Sousa Santos, B. (2018). *Construindo as epistemologias do Sul: Antologia essencial* (Vol. 1, M. P. Meneses, J. A. Nunes, C. L. Añon, A. A. Bonet & N. L. Gomes, Orgs.). Clacso.
- Sousa Santos, B. (2020). Decolonizing the university. In B. Sousa Santos & M. P. Meneses (Eds.), *Knowledges born in the struggle: Constructing the epistemologies of the global South* (pp. 219-239). Routledge.
- Sousa Santos, B., & Meneses, M. P. (2008). Introdução. In B. Sousa Santos & M. P. Meneses (Orgs.), *Epistemologias do Sul* (pp. 9-19). Almedina.
- Sousa Santos, B., Araújo, S., & Baumgarten, M. (2016). As epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, 18(43), 14-23, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-018004301>
- Sousa Santos, B., Nunes, J. A., & Meneses, M. P. (2008). Opening up the canon of knowledge and recognition of difference. In B. Sousa Santos (Ed.), *Another knowledge is possible: Beyond northern epistemologies* (pp. xix-lxii). Verso.

## APÊNDICES

## Apêndice 1.

## Títulos de artigos e categorias

Revista	Título	Categorías
<i>Comunicar</i>	Explorando la ciberviolencia contra mujeres y niñas en Filipinas a través de Mining Online News	Gênero
<i>Comunicar</i>	Discurso de odio y aceptación social hacia migrantes en Europa: Análisis de tuits con geolocalización	Direitos humanos
<i>Comunicar</i>	Una revisión sistemática de la literatura de las representaciones de la migración en Brasil y Reino Unido	Direitos humanos
<i>Comunicar</i>	La trata de personas en Twitter: Finalidades, actores y temas en la escena hispanohablante	Direitos humanos
<i>Comunicar</i>	Educating for a sustainable future through the circular economy: Citizen involvement and social change	Sustentabilidade
<i>Comunicar</i>	Invisibilised human rights: Trafficking in human beings in the media in Spain	Direitos humanos
<i>Revista de Comunicación</i>	La oferta de pódcast nativo en Puerto Rico: La identidad cultural del sector independiente frente a la industria periodística	Identidade cultural
<i>Revista de Comunicación</i>	“No es tu cuerpo. No es tu derecho”: El argumentario visual del movimiento provida argentino en Instagram	Movimentos sociais
<i>Revista de Comunicación</i>	Polarización y discurso de odio con sesgo de género asociado a la política: Análisis de las interacciones en Twitter	Gênero
<i>Revista de Comunicación</i>	El rol de la mujer en la ciencia y la docencia en comunicación: Análisis a partir de los programas universitarios en España	Gênero
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Feminidad y neoliberalismo en las series televisivas españolas de éxito durante la crisis económica (2008-2015)	Gênero
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Representación del colectivo LGBT+ en la ficción televisiva española contemporánea (2015-2020)	Gênero
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Todas ellas: Análisis de la mujer LTBI+ en las series españolas originales de plataformas	Gênero
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Ecología comunicativa del movimiento #YoPrefieroElLago: Un abordaje desde los medios privados, independientes y alternativos	Movimentos sociais
<i>Comunicación y Sociedad</i>	El tratamiento periodístico de los movimientos sociales en Iberoamérica	Movimentos sociais
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Comunicación para los comunes alimentarios: Análisis comparativo de grupos de consumo agroecológico en Portugal	Sustentabilidade
<i>Comunicación y Sociedad</i>	#ElOrgulloPermanece ante la pandemia. Usuarios, redes y contenido LGBT+ mexicanos en Twitter	Gênero

Continua...



## Continuação

Revista	Título	Categorias
<i>Comunicación y Sociedad</i>	Las redes comunitarias de internet y la producción colaborativa de conocimiento tecnológico y político	Redes comunitárias
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A reparação da história e os erros dos seus agentes em O Regresso de Júlia Mann a Paraty	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Como a ficção pós-colonial pode contribuir para uma discussão sobre reparação histórica: Leitura de As Telefones (2020) de Djaimilia Pereira de Almeida	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	O mestiço na “urgência de existência”. Essa Dama Bate Bué! (2018), de Yara Monteiro	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A guerra colonial nas narrativas mediáticas: Como os jornais de Portugal e Angola recontaram uma efeméride 60 anos depois	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A ambivalência colonial nas imagens em movimento contemporâneas: O caso português	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A iconoclastia contemporânea: O antirracismo entre a descolonização da arte e a (re)sacralização do espaço público	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Para não esquecer: Memória, poder e arquivo Malê em narrativa amadiana	Identidade cultural
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Processos de marginalização étnica e cultural na África pós-colonial. O caso dos Amakhuwa de Moçambique	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Uma perspectiva decolonial sobre discursos dos média online no contexto da violência contra pessoas com deficiência na África do Sul	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	(Des)colonialidade linguística e interculturalidade nas duas principais rotas da mobilidade estudantil brasileira	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	O ciberespaço como denúncia: Assédio e discriminação vinculados à colonialidade no projeto Brasileiras Não Se Calam	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A notificação de homicídio corporativo nos rompimentos das barragens da Samarco e da Vale por sites brasileiros	Direitos humanos
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Aparições políticas de sujeitos figurantes em imagens fotojornalísticas de chacinas em duas favelas do Rio de Janeiro	Direitos humanos
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Violência online contra as mulheres: Relatos a partir da experiência da pandemia da covid-19	Gênero
<i>Comunicação e Sociedade</i>	Tecnologia de reconhecimento facial e segurança pública nas capitais brasileiras: Apontamentos e problematizações	Direitos humanos
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A arte de macular: Como é recebido o ativismo descolonizador feminista pelos jornais italianos? O caso da estátua de Montanelli	Colonialismo
<i>Comunicação e Sociedade</i>	A pandemia da covid-19 e a potencialização das desigualdades: Comunidades ciganas e meios de comunicação	Direitos humanos

Continua...

### Continuação

Revista	Título	Categorias
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	O estrato de baixa renda entre a publicidade excludente e a publicidade redentora	Consumo
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Mulheres sem rosto: O corpo feminino e a violência em cartazes de filmes	Gênero
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	A conversão semiótica da Ilha do Combu: Representações e ressignificações estéticas da Amazônia no Instagram	Identidade cultural
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Uma reflexão sobre pós-colonialidade, decolonização e museus virtuais. O caso do Museu Virtual da Lusofonia	Colonialismo
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	O racismo brasileiro a partir da Publicidade: Um olhar sobre a representatividade em anúncios de revista	Direitos humanos
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Práticas de consumo de smartphones no contexto de pandemia de Covid-19: Um olhar etnográfico para as apropriações das mulheres de Maputo – Moçambique	Gênero
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Consumo, alteridade e ascensão social no perfil @BlogueiraDeBaixaRenda	Consumo
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	O consumo da corda do Círio de Nazaré na pandemia da Covid-19: Experiências simbólicas nos sentidos (i) materiais	Identidade cultural
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	La dimensión política del consumo: Aproximaciones teóricas para abordar problemas contemporáneos	Consumo
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	How are women represented in advertising? Evaluating consumers' attitude in Brazil	Gênero
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	“Merchan” como experiência de emancipação e cumplicidade: Feminismo, autenticidade e consumo no YouTube	Gênero
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	La mujer en la publicidad televisiva durante la pandemia Covid-19 en España y Portugal	Gênero
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	A indústria transnacional do sexo na web: Anúncios virtuais de brasileiras em Portugal e no Brasil	Direitos humanos
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Imbricações entre tradição e modernidade: As inscrições coloniais no discurso imobiliário de um Recife urbano	Colonialismo
<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	Entre o consumo dos cidadãos espaciais e dos sub-cidadãos: Reflexões sobre a pirâmide da cidadania midiática	Consumo

**Apêndice 2.***Métodos de recolha de dados*

Métodos	Frequência	Percentagem
Análise bibliométrica	2	1,3
Análise curricular	1	,6
Análise da interface, análise de conteúdo, análise comportamental	1	,6
Análise das características das apps	1	,6
Análise de big data	1	,6
Análise de conteúdo	25	15,6
Análise de conteúdo, análise de discurso	1	,6
Análise de conteúdo, análise de discurso multimodal	1	,6
Análise de conteúdo, análise semiótica	1	,6
Análise de conteúdo, discussão de exemplos	1	,6
Análise de conteúdo, entrevista	1	,6
Análise de conteúdo, questionário	1	,6
Análise de dados	1	,6
Análise de dados secundários, entrevista	1	,6
Análise de dados web	1	,6
Análise de dados, análise temática	1	,6
Análise de discurso	13	8,1
Análise de discurso, análise de enquadramento	1	,6
Análise de discurso, grupo focal, entrevista	1	,6
Análise de discurso, mineração de texto	1	,6
Análise de endereçamento	1	,6
Análise de imagem	2	1,3
Análise de imagem, discussão	1	,6
Análise de jogos	1	,6
Análise de livro, análise de filme	1	,6
Análise de personagens	1	,6
Análise de redes sociais	2	1,3
Análise de romance	4	2,5
Análise de vídeos	1	,6
Análise documental	4	2,5
Análise documental, entrevista	2	1,3
Análise estatística	1	,6
Análise estatística, comparação	1	,6
Análise histórica	2	1,3

Continua...

## Continuação

Métodos	Frequência	Porcentagem
Análise histórica, análise multimodal	1	,6
Análise narrativa	1	,6
Análise narrativa, análise de conteúdo	1	,6
Análise narratológica	1	,6
Análise retórica	1	,6
Análise textual	2	1,3
Análise textual, questionário	1	,6
Comparação	1	,6
Discussão	5	3,1
Discussão de casos	1	,6
Entrevista	12	7,5
Entrevista, análise documental	1	,6
Entrevista, método Delphi	1	,6
Entrevista, questionário	1	,6
Escala	1	,6
Estatística, entrevista, análise de conteúdo	1	,6
Etnografia digital, estudo de casos	1	,6
Experimentação	2	1,3
Grupo de discussão	2	1,3
Grupo focal	4	2,6
Grupo focal, análise visual, entrevista	1	,6
Interpretação	1	,6
Observação online	1	,6
Observação participante, entrevista	2	1,3
Quase-experimental	1	,6
Questionário	18	11,3
Questionário, análise de conteúdo	1	,6
Questionário, entrevista	1	,6
Questionário, escala	1	,6
Questionário, grupo de discussão	1	,6
Revisão de literatura	10	6,3
<b>Total</b>	<b>160</b>	<b>100,0</b>